

A PROBLEMÁTICA DO GÊNERO EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, DE JOSÉ SARAMAGO

THE ISSUE OF GENDER IN *BLINDNESS*, BY JOSE SARAMAGO

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p51-60

Resumo

Este artigo interpreta o *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, a partir de uma leitura sustentada por contribuições de autores que teorizam sobre a questão dos gêneros. Meu objetivo é demonstrar que algumas personagens femininas de José Saramago recebem funções especiais em suas narrativas, as quais potencializam discussões sobre gênero, e culminam na alegoria criada no *Ensaio*. A análise opera de modo alegórico e procura evidenciar que Saramago critica o patriarcalismo da nossa sociedade no intuito de, para além disso, mostrar a brutalidade do sistema capitalista e, por extensão, criticar todo o nosso modo de ser.

Palavras-chave: Saramago. *Ensaio sobre a cegueira*. Gênero. Alegoria.

Abstract

This article approaches *Blindness* (1995), by Jose Saramago, from a reading supported on several contributions made by authors who theorize on gender issues. I defend that some female characters by Jose Saramago receive special functions in his narratives, what promotes discussions on gender, culminating in the specific allegory created in *Blindness*. The analysis operates in an allegorical mode, intending to show that Saramago criticizes patriarchy in our society in order to show the brutality of the capitalist system, while, at the same time, criticizing our whole way of being.

Keywords: Saramago. *Blindness*. Gender. Allegory.

Maiquel Rohrig

Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS.

E-mail: leuqiam@gmail.com.

Introdução

Algumas personagens femininas de Saramago destacam-se por suas habilidades “sobrenaturais” (Blimunda, em *Memorial do convento*, Maria Guavaira, em *Jangada de Pedra*), enquanto outras atraem nossa atenção por sua diferença em relação ao estereótipo feminino do momento histórico no qual a narrativa está situada (Maria de Magdala, n.º *O evangelho segundo Jesus Cristo*, Gracinda Mau-Tempo, em *Levantado do chão*).

No *Ensaio sobre a cegueira*, desde o princípio, as personagens femininas revelam-se foco da atenção do narrador, e várias delas assumem papel de protagonistas de um modo claramente oposto ao papel dos homens (solidariedade *versus* egoísmo). As atitudes das mulheres, no contexto desta obra, criam uma esperança de sobrevivência no mundo dos cegos, impossível caso elas pensassem e agissem de acordo com a lógica masculina.

A obra narra uma epidemia de cegueira branca em um país fictício. Antes de a população inteira cegar, cerca de 260 pessoas são isoladas em quarentena no prédio de um antigo manicômio, em três camaratas separadas. Enquanto um dos grupos, heterogêneo na sua composição (homens, mulheres, europeus, asiáticos, africanos, jovens, adultos, velhos etc.) procura viver de modo pacífico, organizando-se em uma espécie de democracia, outro grupo, só de homens, estabelece uma tirania mediante a imposição da força bruta.

Apenas uma mulher não cegou, a mulher do médico, mas, para não colocar em risco sua vida ou tornar-se escrava dos outros, ela mantém esta diferença em segredo.

Os cegos tiranos, chamados pelo narrador de “cegos malvados”, impõem aos demais o pagamento da comida fornecida pelo governo e, quando o dinheiro dos outros acaba, exigem que as mulheres submetam-se sexualmente a eles. Depois de humilhações extremas, a mulher do médico mata o líder dos tiranos. Ao invés de receber apoio, cegos do seu grupo propõem investigar quem fora a assassina e entregá-la a fim de evitar confrontos e restabelecer a distribuição de comida. Esta covardia é impedida pelo personagem velho da venda preta, que incita os outros a deixarem de ser covardes e lutar contra o absurdo retomando através da força a comida que deste modo lhes fora roubada.

A batalha contra os cegos malvados fracassa, e uma outra mulher incendeia a camarata onde os ladrões estavam, provocando com isso a destruição do prédio inteiro. Ao escapar do incêndio, os cegos percebem que os soldados que os vigiavam foram embora e, portanto, estão livres. Contudo, lá fora a população do país inteiro cegou, transformando-o em um campo de batalha pela sobrevivência.

A cegueira branca, da mesma forma que os acometeu súbita e inexplicavelmente, depois de um tempo, desaparece.

Racionalidade *versus* solidariedade

Saramago problematiza o racionalismo exacerbado da modernidade, o qual, além de não fornecer solução para os problemas humanos, ainda maximiza o maior de todos os males: o egoísmo. A fragmentação e especialização do conhecimento não alcançaram compreender o “mal branco”, tampouco remediá-lo. Da mesma forma, em nossa sociedade, muitos são incapazes de reparar que a vida, alienadamente vivida, representa uma doença cujo diagnóstico não fazemos e cuja cura, portanto, não cogitamos, pois nem constatamos a doença.

O racionalismo nega o sentimento, enaltece o egoísmo e desdenha da solidariedade. “Quero dizer que temos sentimentos a menos [disse a mulher do médico]” (p. 277).

No *Ensaio sobre a cegueira* o egoísmo é personificado nos homens, enquanto as mulheres representam a solidariedade. Entretanto, não há maniqueísmo na obra, ou seja, o egoísmo, embora associado à perspectiva masculina, também se manifesta nas mulheres em algumas situações. No caso da mulher do médico, este é naturalmente atenuado pelas circunstâncias em que se manifesta, porém ela mesma o percebe, ainda que o tente disfarçar. Após saírem do manicômio, ela vai procurar comida, e a encontra no depósito subterrâneo de um supermercado. Ao subir com os sacos cheios, ela fecha a porta. Justifica a si mesma este ato alegando que, se os cegos farejassem a comida, correriam famintos escada abaixo e alguns morreriam pisoteados pelos outros. Ao retornar para casa, “Enquanto comiam, a mulher narrou as suas aventuras, de tudo quanto lhe acontecera e fizera só não disse que tinha deixado a porta do armazém fechada,

não estava muito segura das razões humanitárias que a si própria tinha dado [...]” (p. 228).

Os personagens masculinos, além de egoístas, mostram-se covardes. Descontentes quando recebem menos comida do que lhes é o mínimo indispensável, bradam furiosos, mas acovardam-se com a perspectiva de um confronto. Só o que fazem é mandar outros representantes buscar comida e explicar o descontentamento de todos com o procedimento dos tiranos, o que, evidentemente, não resulta em nada, uma vez que o poder das palavras não supera o poder da força física.

A exposição da ineficiência do discurso contra a força física é constante, de modo a destacar que as palavras pouco podem contra as armas, e que, portanto, a mudança também precisa dos meios com os quais os tiranos impõem sua vontade: os oprimidos têm de valer-se da luta, porque o discurso é limitado. Enquanto os cegos se acovardam, reclamam, mas esmorecem com a lembrança da pistola que os tiranos disparam para assustá-los, a crueldade dos malvados, por sua vez, não para. As caixas com comida surrupiadas estão a apodrecer enquanto os tiranos as negam aos famintos porque estes não têm mais como pagar por elas. Então, os cegos malvados têm a ideia de concedê-las em troca de mulheres. A notícia, dada secamente, provoca protestos, os quais, no entanto, esbarram na covardia justificada com persuasivos argumentos, todos fundamentados na “mais sensata” racionalidade.

O primeiro cego, contudo, não admite a participação da esposa na orgia exigida pelos cegos malvados, apela à moralidade e ao sentido da vida, mas o médico refuta suas ideias, argumentando que não há nenhum sentido para a vida de pessoas famintas vivendo cobertas de porcaria e roídas de piolhos. O médico reconhece que seu “orgulho de macho” será ferido com a violência contra a esposa, “mas é provavelmente o único recurso, se queremos viver” (p. 167). A cena da violência contra sua esposa será a mais marcante demonstração da brutalidade dos cegos (p. 177).

O uso desmesurado da razão, a subutilização dos sentimentos, o egoísmo são manifestações da cegueira que, neste *Ensaio*, convergem para uma crítica mordaz ao nosso desumano modo de vida. Nas palavras de Vieira,

perceber que só as personagens femininas são capazes de manter a dignidade e dar um basta ao inferno quando, na verdade,

são consideradas o sexo frágil, enquanto os homens assistem a tudo de braços cruzados, só sendo passíveis de reação quando induzidos por um líder experiente e porque estão com fome, ressaltam o quanto o mundo guiado pela ótica masculina é injusto e não considera os meios de se atingir os seus objetivos, ou seja, o quanto é egoísta, destrutivo e mau (2009: 130).

O ser humano não é essencialmente egoísta. Inclusive não há o que se possa dizer uma essência humana, uma vez que nossa natureza varia à medida que variam nossas relações sociais e nosso sistema de produção.

Em relação a isso, porém, Marx afirmou que o capitalismo, devido (agora sim) a suas características essenciais, torna-nos seres humanos egoístas. Segundo Mézsáros,

Toda a abordagem de Marx é caracterizada por uma referência constante ao homem em oposição à condição de trabalhador assalariado. Isso só se torna possível porque sua abordagem é baseada numa concepção da natureza humana radicalmente oposta à concepção da Economia Política. Marx nega que o homem seja um ser essencialmente egoísta, porque não aceita a natureza humana fixa (e, na realidade, não aceita nada fixo). Na opinião de Marx, o homem não é, por natureza, nem egoísta nem altruísta. Ele é transformado, pela sua própria atividade, naquilo que é, num determinado momento. Assim, se essa atividade for transformada, a natureza humana, que hoje é egoísta, se modificará, no devido tempo (1981: 131-132).

As críticas ao capitalismo são fundamentais para compreender o significado alegórico do *Ensaio sobre a cegueira*.

Aspectos teóricos

A questão do gênero nos textos de Saramago não significa a representação de personagens femininas lutando por igualdade num mundo patriarcal, mas algo além disso: as mulheres representam a possibilidade de, através de sua diferença e mediante uma inversão de valores, substituir o “patriarcado” pelo “matriarcado”, ou seja, o sistema masculino excludente e opressor

determinado pelos imperativos do capital por um sistema feminino que acolha e proteja, valorizando a solidariedade em detrimento da racionalidade egoísta. Deste modo, a organização social liderada por pessoas com uma visão humanitária seria uma alternativa necessária, porque “toda a organização da sociedade, com suas instituições, crenças, regras etc., pautada pela visão patriarcal, mostrou-se desde sempre excludente, autoritária e cruel pois exaltou e exalta o instinto destrutivo humano” (VIEIRA, 2009: 155). As mulheres, no *Ensaio*, devem ser compreendidas como pessoas imbuídas de valores humanos e que coloquem estes valores sempre à frente de quaisquer outros. Não se trata, portanto, de mulheres reais, mas alegóricas (principalmente porque, em países governados por mulheres, elas em geral se valem das mesmas lógicas de liderança empregadas pelos homens).

A alternativa feminina significa superar a lógica do capital, na qual prevalece a competição e a consequente injustiça e desigualdade: sob o domínio do capital, jamais se poderá conceder igualdade substantiva a quem quer que seja, tampouco às mulheres, uma vez que “o capital ajuda a liberar as mulheres para melhor poder explorá-las como membros de uma força de trabalho muito mais variada e convenientemente ‘flexível’” (MÉSZÁROS: 802).

Implorar a um sistema de reprodução sociometabólica profundamente perverso – baseado na pernicioso divisão hierárquica do trabalho – a concessão de “oportunidades iguais” para as mulheres (ou para o trabalhador), quando ele é *estruturalmente incapaz* de fazer isso, é transformar em zombaria a própria idéia da emancipação. A condição prévia essencial da verdadeira igualdade é enfrentar com uma crítica radical a questão do modo inevitável de funcionamento do sistema estabelecido e sua correspondente estrutura de comando, que *a priori* exclui quaisquer expectativas de uma verdadeira igualdade (*id.*: 289, grifos do autor).

A causa histórica da emancipação das mulheres não pode progredir sem questionar todas as formas de domínio do capital, e Saramago propõe uma “crítica radical ao modo inevitável de funcionamento do sistema estabelecido e sua correspondente estrutura de comando”.

Silva & Silva afirmam que Saramago valorizou o comportamento maternal e de esposa zelosa, não para

submeter a mulher ao jugo do homem, mas para enfatizar o antagonismo delas em relação a eles, sem contudo impedi-las de agir de modo decidido e decisivo, com força e coragem:

a Mulher do Médico contém muito dos aspectos que tanto a crítica feminista busca: uma igualdade de papéis entre homem/mulher, uma mulher com características fortes e força de mudança, ser determinada, espirituosa e líder e mesmo assim continuar sendo uma mulher, com todas as suas peculiaridades femininas (2010: 12).

Os gêneros são construídos socialmente, sendo produtos das relações sociais¹. Para Bourdieu (2009: 123), “A sexualidade, tal como a entendemos, é efetivamente uma invenção histórica [...]”, portanto, não há qualquer coisa que se possa considerar como “peculiaridades femininas” ou, no outro extremo, masculinas.

Como ponto de partida de uma teoria social do gênero [...], a concepção universal da pessoa é deslocada pelas posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero como uma *relação* entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa “é” – e a rigor, o que o gênero “é” – refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes (BUTLER, 2003: 29).

Generalizações sobre o gênero ou sobre as pessoas não convêm a uma análise materialista, que toma as relações sociais entre os indivíduos, a materialidade da sociedade e sua historicidade como pontos de partida.

Para entender a aparente generalização de Saramago no *Ensaio sobre a cegueira*, Ana Maria Figueira sugere que as personagens femininas não se referem apenas à condição de Mulher, “mas o elemento feminino que existe em cada homem ou mulher, e que contém no

1 “gênero não é sexo, uma condição natural, e sim representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição ‘conceitual’ e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos” (LAURETIS, 1994: 211).

seu âmago os aspectos mais viscerais e intrínsecos do ser humano” (p. 14). Semelhantemente, argumento que nesta narrativa as personagens são elementos de uma alegoria.

Saramago realiza um procedimento alegórico, valendo-se das generalizações que atribuem às mulheres a solidariedade e o afeto, e, aos homens, o egoísmo e a indiferença. As personagens masculinas e femininas são personificações de atitudes, não se constituindo como representações de indivíduos singulares. Elas são elementos da alegoria que opõe a razão e os sentimentos, e que enfatiza a necessidade de uma sociedade altruísta, em oposição à lógica do capitalismo.

Neste sentido, as personagens femininas do *Ensaio sobre a cegueira* personificam atitudes que Saramago atribuiu às mulheres para enfatizar as diferenças em relação àquilo que a história registrou como “atitudes masculinas”. Na obra este binarismo é fundamental à medida que o passado e o presente históricos correspondem à barbárie representada pela alegoria do mundo dos cegos, e superar a barbárie pressupõe uma atitude radicalmente diferente, sem a qual não haverá nenhuma esperança.

Entendo a alegoria de um modo mais amplo que aquele apresentado por Walter Benjamin na obra *Origem do drama barroco alemão*, pois Benjamin elaborou seu conceito de alegoria especificamente sobre o Barroco, focando, sobretudo, o drama alemão. Para Benjamin a alegoria é acima de tudo a metamorfose do vivo no morto, apontando, de um lado, para a efemeridade da vida, e, de outro, para o declínio: “Nisso consiste o cerne da visão alegórica: a exposição barroca, mundana, da história como história mundial do sofrimento, significativa apenas nos episódios de declínio.” (1984: 188).

Neste artigo encaro a alegoria como

representação concreta de uma idéia abstrata. Exposição de um pensamento sob forma figurada em que se representa algo para indicar outra coisa. Subjacente ao seu nível manifesto, comporta um outro conteúdo. É uma metáfora continuada, como tropo de pensamento, consistindo na substituição do pensamento em causa por outro, ligado ao primeiro por uma relação de semelhança (KOTHE, 1986: 90).

A alegoria aponta para o momento histórico em que foi produzida e para todos os tempos, e possui um

caráter “educativo”, pois, enquanto metonímia do real, impõe uma reflexão sobre o mundo.

As mulheres no Ensaio sobre a cegueira

A primeira personagem feminina surge nas primeiras páginas da obra, quando o primeiro cego está parado no semáforo. Opondo-se à fúria dos demais condutores, que buzina impaciente, ela se aproxima afetuosamente, consola-o dizendo: “Isso passa, vai ver que isso passa, às vezes são nervos”, e sugere “que se devia chamar uma ambulância, transportar o pobrezinho ao hospital” (p. 12). A solidariedade e a compaixão desta primeira senhora serão traços constantes e reiterados nas mulheres deste *Ensaio*.

A esposa do primeiro cego é a segunda mulher focalizada na narrativa. Ao chegar em casa, ela se irrita com a jarra que o esposo quebrara e cujos cacos ainda estavam espalhados pelo chão, mas, ao aproximar-se do marido “reparou no lenço manchado de sangue, o seu agastamento apagou-se num instante, Pobrezinho, como foi que te aconteceu isto, perguntava compadecida [...]” (p. 17). É a segunda mulher que o trata maternalmente (“pobrezinho”)².

A mãe do rapazinho estrábico é uma exceção, mostra-se diferente das outras no pequeno trecho em que aparece: protesta quando o médico chama o primeiro cego que recém chegara e deixa-a esperando com seu filho, apesar de estar aguardando há mais de uma hora. Cala o protesto após as palavras do velho da venda preta: “Deixem-no lá, coitado, aquele vai bem pior do que qualquer de nós” (p. 22). Esta personagem feminina desaparecerá da narrativa, apenas sendo evocada pelo filho, presente na obra toda: “A mãe não vinha com ele, não tivera a astúcia da mulher do médico, declarar que estava cega sem o estar, é uma criatura simples, incapaz de mentir, mesmo para seu bem” (p. 48).

A ausência da mãe do menino será suprida pela rapariga dos óculos escuros, que, antes, poderia ter sido apresentada como prostituta,

2 Esta personagem sofrerá uma mudança de atitude ao longo da narrativa: o narrador nos informará de sua submissão ao marido (“dócil e respeitadora”) para intensificar a força do ato que a libertará, pelo menos temporariamente, como veremos.

mas a complexidade da trama das relações sociais, tanto diurnas como noturnas, tanto verticais como horizontais, da época aqui descrita, aconselha a moderar qualquer tendência para juízos peremptórios, definitivos, balda de que, por exagerada suficiência nossa, talvez nunca consigamos livrar-nos. [...] Sem dúvida esta mulher vai para a cama a troco de dinheiro, o que permitiria, provavelmente, sem mais considerações, classificá-la como prostituta de facto, mas, sendo certo que só vai quando quer e com quem quer, não é de desdenhar a probabilidade de que tal diferença de direito deva determinar cautelarmente a sua exclusão do grémio, entendido como um todo. Ela tem, como a gente normal, uma profissão, e, também como a gente normal, aproveita as horas que lhe ficam para dar algumas alegrias ao corpo e suficiente satisfações às necessidades, as particulares e as gerais. Se não se pretender reduzi-la a uma definição primária, o que finalmente se poderá dizer dela, em lato sentido, é que vive como lhe apetece e ainda por cima tira daí todo o prazer que pode (p. 31).

Esta visão sem preconceito e até irônica do narrador em relação à moralidade, esbarra, porém, no pensamento da própria personagem, que, ao cegar, supõe-se punida por sua conduta, o que leva o narrador a uma exclamação chateada: “o que ela queria dizer era que tinha sido castigada por causa do seu mau porte, da sua imoralidade, *ora aí está*” (p. 36, grifo meu). O estereótipo da prostituta será radicalmente questionado na trama; ela, sexualmente livre, demonstrar-se-á mãe carinhosa (do menino estrábico) e companheira leal (do velho da venda preta), bem como filha exemplar³.

A mulher do médico inicia no papel de esposa que aguarda pelo marido, janta com ele e depois se recolhe ao quarto enquanto o médico estuda uma explicação para o estranho caso da cegueira branca. Pela manhã, cumprimenta-o carinhosamente: “Bons dias, meu amor, ainda se saudavam com palavras de carinho depois de tantos anos de casados [...]” (p. 38). O que a princípio

3 Após saírem do manicômio, o rapazinho já parara de pedir pela mãe, enquanto ela insiste em ir ver os pais, ao que o narrador aproveita para novamente destilar sua ironia aos estereótipos de moralidade: “Não sei como estarão os meus pais, disse, esta sincera preocupação mostra como são afinal infundados os preconceitos dos que negam a possibilidade da existência de sentimentos fortes, incluindo o sentimento filial, nos casos, infelizmente abundantes, de comportamentos irregulares, mormente no plano da moralidade pública” (p. 212-213).

nos parece o estereótipo de uma dona de casa submissa vai se mostrar algo muito diferente: ela é quem encarnará de modo mais patente o papel de protagonista na obra, ao lado de outras mulheres de personalidade igualmente marcante.

Ao saber da cegueira do marido, mantém-se tranquila, mas, sobretudo firme e decidida, enquanto ele se desespera ao perceber que, ao ter dormido ao seu lado, poderia a ter contaminado.

Ela acompanha as ligações telefônicas do marido, que alerta as autoridades sobre o contágio, e prepara as malas a fim de ir para a quarentena. A ordem era de recolherem somente o médico, mas ela entra com o marido na ambulância e mente que cegou também:

Finalmente subiu e sentou-se ao lado do marido. O condutor da ambulância protestou do banco da frente, Só posso levá-lo a ele, são as ordens que tenho, a senhora saia. A mulher, calmamente, respondeu, Tem de me levar também a mim, ceguei agora mesmo (p. 44).

Por ora, apesar de a atitude ser radical, a mulher do médico realiza-a calmamente. Não demorará para que atitudes mais extremas também alterem sua personalidade, tal como acontece com a rapariga dos óculos escuros e a mulher do primeiro cego, as quais têm igualmente de transformar-se para reagir à situação a que estão sujeitas. Mas nenhuma dessas mulheres é idealizada ou superestimada. “A mulher do médico, magnífica figura feminina, não é heroína, é apenas corajosa testemunha do horror, sugerindo, talvez no longo curso, uma qualidade ancestral do matriarcado, por oposição ao milenar egoísmo do patriarcado [...]” (BUENO, 2002: 16).

Esta personagem e a rapariga dos óculos escuros desde o início da quarentena assemelham-se uma à outra nas atitudes que tomam, e por isso se aproximam afetivamente, mantendo uma amizade que não será abalada sequer pelo fato de a rapariga transar com o oftalmologista diante da esposa. Ambos agiram estimulados por um desejo, digamos, cego. A mulher do médico, ao contrário de reagir agressivamente, pede apenas que se cale, e revela à rapariga que enxerga: “É um segredo, não o podes dizer a ninguém, Esteja descansada [respondeu a rapariga], Tenho confiança em ti, Podes tê-la, antes queria morrer que enganá-la [...]” (p. 172).

Estas duas mulheres farão tudo o que estiver ao seu alcance por si e pelos outros, inclusive submetendo-se à violência sexual para que todos recebam comida. Antes disso, tomam pequenas atitudes, como levar o lixo para fora a fim de queimá-lo e evitar mau-cheiro e insetos. A mulher do médico assiste, por outro lado, à rápida transformação do ambiente: merda que se espalha pelos corredores, detritos de toda espécie, uma sujeira sem fim. Porém, promove o que poderíamos chamar de uma “ação pedagógica”, convencendo os cegos de sua camarata a organizarem-se para receber a comida e recolher o lixo. Suas vitórias são pequenas, mas marcantes.

A mulher do médico sabe que não pode cuidar de todos os cegos, limpar toda a sujeira, organizar. Ela pensou em revelar que enxergava, mas, depois de ponderar e observar o mundo em que estava, “a realidade abjecta que lhe invadia as narinas e lhe ofendia os olhos”, percebeu que “isto não é trabalho para uma pessoa sozinha” (p. 136). O mesmo disse a rapariga dos óculos escuros quando os homens titubeavam se iriam ou não atacar os malvados para recuperar a comida roubada: “Deixem-se de conversas inúteis, [...] eu sozinha não posso lá ir [...]” (p. 197).

Apesar de sentir e assistir a todos os horrores, a mulher do médico mantém viva a esperança mesmo quando o companheiro está a fraquejar: “Já estamos meio mortos, disse o médico, Ainda estamos meio vivos, respondeu a mulher” (p. 288). A despeito do ambiente violento e repugnante do manicômio, note-se a relação dela com o marido, em detrimento do primeiro cego e sua esposa:

Agora [a mulher do médico] está sentada na cama do marido, conversa com ele, baixinho como de costume, vê-se que são pessoas de educação, e têm sempre alguma coisa para dizer um ao outro, não são o mesmo que o outro casal, o primeiro cego e a mulher, depois daquelas comovedoras efusões do reencontro quase não têm falado, é que, neles, provavelmente, tem podido mais a tristeza de agora do que o amor de antes, com o tempo hão-de habituar-se (p. 87).

A mulher do primeiro cego viverá três momentos distintos na narrativa: primeiro uma atitude maternal com o esposo; depois, quando este tenta submetê-la às suas ordens, protesta e age de acordo com sua própria vontade;

por último, o narrador sugere um retorno à submissão⁴. Quando homens e mulheres discutiam se elas iriam ou não aceitar pagar pela comida transando com os cegos malvados, ela briga com o marido, que não admitia que ela fosse entregar-se:

Sou tanto como as outras, faço o que elas fizerem, Só fazes o que eu mandar, interrompeu o marido, Deixa-te de autoridades, aqui não te servem de nada, estás tão cego como eu, É uma indecência, Está na tua mão não seres indecente, a partir de agora não comas, foi esta a cruel resposta, inesperada em pessoa que até hoje se mostrara dócil e respeitadora do seu marido (p. 168).

Também é ela quem decide deixar o escritor vivendo em sua casa e do marido enquanto eles permanecem na casa da mulher do médico, opondo-se ao esposo, que queria retornar para sua própria casa, detestando que o escritor a tivesse ocupado (p. 276). Porém, quando ele recupera a visão, o narrador nos conta que

em certa altura, o primeiro cego teve a lembrança de dizer à mulher que no dia seguinte iriam a casa, Mas eu ainda estou cega, respondeu ela, Não faz mal, eu guio-te, só quem ali se encontrava, e portanto ouviu com os seus próprios ouvidos, foi capaz de perceber como em tão simples palavras puderam caber sentimentos tão distintos como são os da protecção, do orgulho e da autoridade (p. 308).

O emprego desse verbo (guiar) sinalizará uma profunda diferença entre este casal e aquele composto pela mulher do médico e seu marido. A mulher do médico será a guia dos seis outros integrantes do seu grupo, sem, no entanto, perder a doçura nem jamais mostrar-se com esses ares de autoridade. Emblemática é a cena em que, chegando a sua casa, “O médico meteu a mão num bolso interior do seu casaco novo e tirou as chaves. Ficou com elas no ar, à espera, mas a mulher guiou-lhe suavemente a mão em direcção à fechadura” (p. 256). Ao invés de tomar-lhe as chaves das mãos, ela guia o marido para que ele consiga abrir a porta. Muito longe de demonstrar

⁴ Note-se que, ao contrário da mulher do médico, que trabalha apenas no lar, esta é empregada de escritório, o que não eliminou, por si só, o autoritarismo do marido.

submissão, este gesto reforça a delicadeza da mulher, que pretende dar ao esposo esta honra, a qual somente ambos conhecerão, uma vez que os demais continuam cegos.

Diferente também é o casal formado pela rapariga dos óculos escuros e o velho da venda preta, não somente no que concerne ao físico, ela, jovem e bonita, ele, reiteradamente velho. Não há da parte dele nenhuma autoridade, ao contrário, insiste na sua velhice como empecilho ao relacionamento de ambos, desejando inclusive que continuassem cegos para também continuarem a viver juntos, ele e ela, pois temia que, ao vê-lo, ela o abandonaria. No momento anterior ao confronto contra os cegos malvados, após o assassinato do líder, o velho da venda preta surpreende-se ao saber que a rapariga dos óculos escuros participará da batalha, mas não lhe impõe nada, ao contrário, sua atitude é mansa, timidamente protetora: “Tu também vais, perguntou o velho da venda preta, preferiria que não fosses, E porquê, pode saber-se, És muito nova, Aqui dentro a idade não conta, nem o sexo, portanto não te esqueças das mulheres, Não, não me esqueço” (p. 198).

No entanto, estas mulheres não são sempre fortes e solidárias, são, também, humanas, e às vezes padecem do mal que acomete, sobretudo aos personagens masculinos: os tiranos vão começar estuprando as mulheres das camaratas da sua ala,

Folguem portanto as mulheres das camaratas da ala direita, com o mal das minhas vizinhas posso eu bem, palavras que nenhuma disse, mas que todas pensaram, na verdade ainda está por nascer o primeiro ser humano desprovido daquela segunda pele a que chamamos egoísmo, bem mais dura que a outra, que por qualquer coisa sangra (p. 169).⁵

A brutalidade do estupro foi tamanha que uma das cegas da camarata da mulher do médico morreu. Este é um ponto fundamental na narrativa, pois representará

5 Neste trecho seria possível interpretar que o egoísmo é algo que nasce conosco, porém reitero que o egoísmo não é uma essência humana, mas um mal reforçado pela lógica da sociedade capitalista. Creio que Saramago, apesar dos termos dessa citação, pensava de modo semelhante, talvez algo como Marx na sexta tese sobre Feuerbach: “a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais” (MARX; ENGELS, 2001: 112). E as relações sociais no capitalismo conduzem à exacerbação do egoísmo.

o momento anterior à decisão mais difícil da mulher do médico: matar o líder dos malvados. Antes, retorna a sua camarata conduzindo o corpo da companheira, apanha água em outra camarata correndo o risco de ser ferida pelos integrantes desta, e lava o corpo da cega morta, das outras e o seu próprio. No dia seguinte ela matará o responsável por mais aquela morte, enquanto ele promovia mais uma orgia. Depois de matá-lo, empreende esforço ainda maior para levar dali as mulheres todas, muitas das quais aproveitam a confusão e tentam “esganar o inimigo e acrescentar um morto ao morto.” Matam mais dois. “A mulher do médico não queria matar, só queria sair o mais depressa possível, sobretudo não deixar atrás de si nenhuma cega. Provavelmente este não vai sobreviver, pensou quando cravou a tesoura num peito” (p. 187). Ao sair, grita que, “Para cada dia que estivermos sem comer por vossa culpa, morrerá um dos que aqui se encontram, basta que ponham um pé fora desta porta” (p. 188). Agora elas é que buscarão a comida, os ladrões comerão o que lá estocaram, e que já apodrece.

Esta não foi a maior das batalhas, a mulher do médico terá de suportar os outros cegos sugerindo entregar a assassina aos demais malvados em troca de comida, pois o governo parou de enviá-la; participará de nova batalha contra estes mesmos malvados na tentativa fracassada de resgatarem a comida que estes roubaram, e ainda lutará por comida após saírem do manicômio, disputando com outros cegos o que encontrara no depósito de um supermercado. Mas agora ela sabe que lutar é inevitável, sobretudo quando se trata de reagir à barbárie.

A evidente derrota na batalha dos cegos famintos contra os malvados bem alimentados desencadeia o aparecimento de outra personagem, desta vez designada simplesmente como mulher. Ela entra em sua camarata, “a segunda do lado direito”, procura um pequeno objeto e sai novamente, enquanto todos permanecem como zangões enfurnados em suas camaratas, “Ninguém se atreve a sair para os corredores” (p. 205). Ela leva consigo um isqueiro, o qual utilizará para incendiar a camarata onde se entrincheiram os malvados.

E se eles têm água, se vão conseguir apagar, desesperada meteu-se debaixo da primeira cama, passeou o isqueiro ao comprido do colchão, aqui, além, então de repente as chamas multiplicaram-se, transformaram-

se numa única cortina ardente, um jorro de água ainda passou através delas, foi cair sobre a mulher, porém inutilmente, já era o seu próprio corpo o que estava a alimentar a fogueira (p. 207).

Após este ritual de autoimolação, em pouco tempo o prédio todo arde em chamas. Tendo os soldados cegado e abandonado seus postos, “a mulher do médico anunciou em altas vozes que estavam livres” (p. 210)⁶.

Considerações finais

A epidemia de cegueira branca que acometeu um país inteiro não tinha nenhuma causa física. Trata-se de uma alegoria do modo como vivemos, num mundo em que, semelhantemente, comportamo-nos como prisioneiros cegos, aceitando a tirania de pessoas que centralizam o poder, acumulam bens e cobram um preço muito alto por aquilo que é nosso de direito. A cegueira branca alegoriza ainda o excesso de informações e estímulos que nos ilude a ponto de nos convencer que estamos “iluminados”.

Neste *Ensaio*, Saramago opõe o egoísmo e a solidariedade, personificando-os, respectivamente, nos homens e nas mulheres. Ao opor tirania e democracia, o autor propõe uma esperança de um mundo radicalmente diferente deste em que vivemos ao transferir a uma mulher, a mulher do médico, o poder de ver e de guiar. Saramago problematiza o significado de ter olhos num mundo de cegos, apresenta o drama da mulher do médico, incapaz de vencer sozinha todos os obstáculos, e dá a

6 Uma última personagem feminina desta ficção ainda merece menção: a velha do primeiro andar, vizinha da rapariga dos óculos escuros. Ao ter contato com ela, o grupo da mulher do médico a toma por megera, bruxa velha, um monstro devorador de carne crua. Porém, é ela quem restitui as chaves à rapariga, pois saíra do prédio para morrer, com as chaves na mão, provavelmente para que, quando a encontrassem, também vissem as chaves (escrevo vissem porque o narrador sugere que ela tenha percebido que a mulher do médico enxergava). Esta é a personagem mais solitária da trama, e suas solidão, cegueira e fome transformaram-na num ser de fato quase monstruoso; contudo, ainda essencialmente solidário, e sensível, como nos revela o narrador em um momento anterior em que os visitantes vão embora e a deixam novamente só: “A velha do primeiro andar abriu devagar a janela, não quer que se saiba que tem esta fraqueza sentimental, mas da rua não sobe nenhum ruído, já se foram, deixaram este sítio por onde quase ninguém passa, a velha deveria de estar contente, desta maneira não terá de dividir com os outros as suas galinhas e os seus coelhos, deveria de estar e não está, dos olhos cegos saem-lhe duas lágrimas, pela primeira vez perguntou se tinha alguma razão para continuar a viver” (p. 249).

ela a consciência da responsabilidade. Por maiores que sejam os desafios, a mulher do médico lutará para superá-los, procurará conscientizar os demais, educá-los, e, finalmente, pegará em armas para promover a revolução, não como um discurso, mas, conforme Marx desejava, como um ato histórico.

O Estado tirânico representado pelos cegos malvados não é uma ditadura qualquer oposta a uma democracia qualquer. O sistema democrático da camarata da mulher do médico não é uma representação inspirada nos modelos do mundo real, é, ao contrário, uma democracia substantiva, em que os representantes da massa estão de fato empenhados em satisfazer os interesses da coletividade, e não os seus próprios. A tirania dos cegos malvados é a ditadura das democracias atuais, em que um grupo de pessoas centraliza os poderes e impõe aos demais regras absurdas para garantir a manutenção de seus poderes e privilégios, e manter a pauperização da massa.

No *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago não opõe homens e mulheres, mas faz de suas personagens personificações alegóricas dos comportamentos socialmente convencionados para uns e outras. A análise de gênero que realizei pretende, acima de tudo, reposicionar a questão do gênero na totalidade de crítica ao capital, porque a emancipação das mulheres só ocorrerá plenamente quando todos os oprimidos emanciparem-se da alienação, abolindo a estrutura de comando que subordina o trabalho ao capital.

Referências

- BENJAMIN, Walter. (1984). *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- BOURDIEU, Pierre. (2009). *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helene Kühner. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BUENO, André. (2002). “Formas da crise: relatos da condição humana no capitalismo avançado”. In: *Terceira margem: revista do programa de pós-graduação em Letras*. Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano VI, nº 7, pp. 7-21.

- BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FIGUEIRA, Ana Maria. *A (Des)Construção da Figura Feminina em Ensaio sobre a Cegueira*. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/Mestrado-TL/Ensaio_Cegueira_ana_figueira.pdf>. Acesso em 10/02/2012.
- KOTHE, Flávio. (1986). *A alegoria*. SP: Ática.
- LAURETIS, Teresa. (1994). “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (2001). *Manifesto do partido comunista*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret.
- MÉSZÁROS, István. (2002). *Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição*. Tradução de Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo Editorial.
- SARAMAGO, José. (1999). *A jangada de pedra*. SP: Companhia das Letras.
- _____. (2008). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das letras.
- _____. (1999). *Levantado do chão*. 8ª ed. RJ: Bertrand Brasil.
- _____. (2004). *Memorial do convento*. 30ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. (2011). *O evangelho segundo Jesus Cristo*. SP: Companhia das Letras.
- SILVA, Luís Cláudio Ferreira; SILVA, Marisa Corrêa. *Diversidade, Ensino e Linguagem*. UNIOESTE - Cascavel – PR. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2006/A%20PERSONAGEM%20FEMININA%20EM%20SARAMAGO.pdf>. Acesso em 10/03/2012.
- VIEIRA, Daniela de Araújo. (2009). *Alegorias da Cegueira*. Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2009/danieladearaujo_alegoriasdacegueira.pdf>. Acesso em 20/02/2012.